

Vidas/narrativas em trânsito: movimentos migratórios nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa

Lives/Narratives en route: migrations in Portuguese language contemporary literature

Ana Mafalda Leite¹

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.

Vanessa Riambau Pinheiro²

Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil.

Paulo Ricardo Kralik Angelini³

Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Humanidades,
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

¹ Poeta e ensaísta. Doutora em Literatura Portuguesa/Literaturas Africanas em Português, pela FLUL (1989). Mestre em Literaturas Brasileiras e Africanas em Português, pela FLUL (1986). Licenciatura em Estudos Românicos, pela FLUL (1978). Desde 2005, é membro integrado do CESA. A partir 2007, é professora associada com agregação pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa. Coordenou o projeto “Narrativas Escritas e Visuais da Nação Pós-colonial” e coordena o projeto “Narrativas do Oceano Índico no Espaço Lusófono”.

 <https://orcid.org/0000-0001-5730-6033>

E-mail: anamafaldaleite@gmail.com

² Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Área de Estudos Literários, Ênfase em Literaturas de Expressão Portuguesa. Atualmente, coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literatura e Sociedade Contemporânea (GELISC), o Projeto de Extensão Poesia fora da academia (Grupo AEDOS) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde atua como Professora Adjunta na graduação e na pós-graduação. Integra também o CESA - Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, vinculado à Universidade de Lisboa.

 <https://orcid.org/0000-0003-3137-2328>

E-mail: vanessariambau@gmail.com

³ Doutor em Literatura Portuguesa (UFRGS), pós-doutoramento na Universidade de Lisboa, com o Projeto “O Brasil dos Outros”. É professor adjunto nos cursos de Letras e de Escrita Criativa da Escola de Humanidades da PUCRS, coordenador do curso de Letras/Português da PUCRS e líder do grupo de pesquisa Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa: redes e enredos de subjetividade.

 <https://orcid.org/0000-0002-7096-0109>

E-mail: paulokralik@gmail.com

Os trânsitos e migrações são fenômenos de mobilidade que caracterizam o mundo contemporâneo. A mobilidade moderna experimenta-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na rapidez da comunicação e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Somos uma cidade-mundo, uma “metacidade virtual”, segundo a expressão de Paul Virilio (2000), constituída pelos meios de comunicação que encerram o planeta em redes de cada vez maior homogeneidade. Esta teia comunicacional corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos fazer teoricamente tudo sem deslocar-nos e onde, no entanto, nos deslocamos continuamente.

Estas mobilidades correspondem à ideologia do sistema de globalização, uma ideologia em que se problematizam outros conceitos como fronteira, urbanização, migração, viagem e utopia, como bem refere Marc Augé (2010). No entanto as aparências da mundialização e da globalização recobrem muitas desigualdades e vemos em diferentes escalas ressurgirem novas fronteiras, a oposição Norte-Sul ser substituída por outras diversas formas de colonização. Os trânsitos correspondem a um certo número de valores, como desterritorialização e reterritorialização, mas com contradições como o sedentarismo forçado, a territorialidade reivindicada, num mundo em que também a fronteira entre democracia e totalitarismo parece ganhar cada vez mais visibilidade.

A urbanização do mundo é a uma espécie de tradução espacial daquilo que chamamos mundialização, que se define por extensão do mercado liberal e do desenvolvimento dos meios de circulação e de comunicação. Enquanto novo mapeamento

espacial conforma a extensão do tecido urbano ao longo das costas litorâneas e dos rios e mostra o crescimento sem fim das megacidades, com uma dimensão extrema nos países do Sul. Ironicamente as cidades de vocação global encarnam a utopia da economia liberal, mesmo que em regimes não liberais. As cidades-mundo e o mundo-cidade exprimem todas as contradições do sistema de globalização, ao criar novas identidades marginais dos migrantes, como clandestinos e sem documentos, exilados e deslocalizados, tráfico e múltiplas formas de subalternidade. Tal urbanização exprime todas as contradições do sistema de globalização e a violência e desequilíbrios urbanos e de fronteiras daí resultantes, relacionados muito especialmente com a questão das migrações, ao mesmo tempo que equaciona dicotomias como cidade/subúrbios, ou centro/periferias, e desenvolve outras questões como a noção de centro, *gheto*, inclusão, exclusão.

As línguas, no quadro deste sistema da cidade-mundo global, são formas de solidariedade e de poder, criando “comunidades imaginadas” (Anderson, 2005). A língua portuguesa e suas literaturas, enquanto lugar de representação deste tipo de trânsitos contemporâneos, e das diferentes memórias históricas, reinventadas e perspectivadas pós-colonialmente, entre Brasil, África e Portugal, apresenta um conjunto de narrativas que porventura desenha uma cartografia de novas e diferentes identidades. Entre as temáticas do exílio, da migração, que se cruzam com os movimentos da descolonização, ou a reivindicação das identidades indígenas, a crítica aos poderes, são apresentadas diferentes perspectivas sobre a colonização, enquanto os romances perfilam histórias de vida, que retomam diferentes formas de pensar os trânsitos culturais históricos, e contemporâneos, em que se escreve em língua portuguesa.

Neste percurso de vidas/narrativas em trânsito, vários espaços migratórios insurgiram-se nesta edição da Revista Letrônica da PUCRS. Nos textos de Adriana Armony e de Priscila Martini Pedó, ambos com foco na obra *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa, entramos em contato com o imigrante que está nos Estados Unidos, enfrentando em sua trajetória várias vicissitudes, ao mesmo tempo em que se revela no movimento dialético entre alteridade e pertencimento. Há, ainda, a representação migratória dentro do país, como ocorre em “Tom Zé, a ‘grande liquidação’ e a perspectiva do migrante na tradição narrativa da canção paulista”, de Gabriel Caio Correa Borges. Nesse estudo, o autor se vale da análise de canções do compositor para mostrar a perspectiva da cidade de São Paulo a partir da voz locutória do baiano migrado. Temos também a representação do espaço como ambiente perturbador de exílio e errância, no artigo “O espaço do outro: errância e exílio em *Dois irmãos* de Milton Hatoum”, de Alex Bruno da Silva e Flávio Pereira Camargo. Já Ulisses Infante promove uma leitura que descortina a imigração enquanto fenômeno histórico na fragmentação e na multiplicidade discursiva de *Inferno Provisório*, obra de Luiz Ruffato.

O local de fala também é uma vertente a ser observada, enquanto território epistemológico da legitimação da voz das minorias. Este é o caso dos textos de Helene Rosa da Costa e Carlos Augusto de Melo, que trabalham acerca das diásporas indígenas em território brasileiro e sua influência na constituição da identidade destes povos, a partir do

olhar da escritora indígena brasileira Eliane Potiguara. Ainda neste viés, o artigo “A voz-práxis estético-literária indígena como ativismo e militância: algumas reflexões a partir da literatura indígena brasileira atual”, dos autores Leno Francisco Danner, Julie Stefane Dorrico Peres e Fernando Danner, concebe a literatura indígena como forma de resistência histórica, legitimação cultural e militância social.

A literatura portuguesa está contemplada em três artigos. José Luís Giovanoni Fornos realiza um estudo comparativo entre personagens saídas de três romances hipercontemporâneos: *Combateremos a Sombra*, de Lídia Jorge; *Eu sou a árvore*, de Possidónio Cachapa; e *A última canção da noite*, de Francisco Camacho. Nos três, o deslocamento metafórico da memória em busca do passado vivido traz testemunhos traumáticos que expõem uma identidade fraturada.

Na conturbada relação Portugal e África, a ruptura de mundos vivida por uma mãe portuguesa em Angola e por um adolescente angolano em Portugal entra na análise de Barbara Juršič a respeito da obra *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso. Num deslocamento compulsório, a ausência do pai, a ausência da casa e mesmo os tênues limites do real e do invisível na perspectiva da mãe contribuem igualmente para uma percepção (ausente) de terra e de pátria.

Na não menos problemática relação entre Portugal e Brasil, Gabriela Richinitti elabora um estudo que expõe os estereótipos ainda frutificados no vasto bosque do passado colonial. Na abordagem de “Literatura entre terras desiludidas: as alteridades distorcidas de Brasil e Portugal”, percorremos uma série de obras literárias em que portugueses em obras brasileiras e brasileiros, em portuguesas, corporificam a velha narrativa de clichês e imagens preconceituosas e contribuem para um niilismo identitário.

Da literatura moçambicana, Sara Jona Laisse apresenta uma leitura sócio-política e antropológica de *Apocalypse dos Predadores*, de Adelino Timóteo, procurando recuperar as fissuras que a História não consegue solidificar. Finalmente, da literatura de Timor Leste, Luís Alberto Paz debruça-se sobre a metáfora da navegação e do mar como forma de liberdade no texto que analisa a protagonista de *Requiem para o navegador solitário*, de Luís Cardoso.

Ainda que os espaços perquiridos deem conta de situações contextuais diversas – da imigração à migração, passando pela diáspora e pelo exílio –, percebemos que existe convergência na necessidade de (re)definição de novos espaços e territorialidades, e que este movimento dá-se tanto externa quanto internamente.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Ed. 70, 2005.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. São Paulo/Maceió: Unesp/Ufal, 2010.
- VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Ed. Teorema, 2000.